



APM completa 60 anos

O Departamento Cultural da APM, colaborando nas comemorações dos 60 anos de existência da entidade, homenageia, através deste Suplemento Cultural, seus fundadores, publicando o discurso do prof. Rubião Meira, primeiro presidente da entidade, quando da inauguração da sede.

A reedição do discurso visa lembrar a grandiosidade de propósitos dos fundadores da APM, os quais formaram um Clube Médico com grande atividade científica, que nas últimas décadas vem se destacando por sua atuação em defesa da classe.

Desde a gestão de Nelson Proença, iniciada em 1987 e encerrada em 1989, o prédio da entidade vem passando por ampla reforma, a qual deverá ser concluída o ano que vem, quando se encerra o mandato de Celso Guerra. Como disse o prof. A. Almeida Prado, o lema da sociedade deve ser "a união e solidariedade de todos os médicos paulistas". Hoje diríamos de todos os médicos que vivem no Estado de São Paulo.

Ainda como parte das comemorações pelos 60 anos da APM, o Departamento Cultu-

ral ofereceu um coquetel, no dia 30 de agosto, por ocasião do lançamento do livro "O vinho nosso de cada dia", de autoria do médico Sérgio de Paula Santos, em conjunto com o Laboratório Aché e a Casa de Vinhos De Lantier Vinhos Finos, Porto, Messias Porto Ramos Pinto. No dia 16 de outubro foi exibido, em sessão especial, no cine Gazetinha, em São Paulo, o filme *Os Residentes*, sob o patrocínio do Departamento Cultural da APM, Fox Filme do Brasil e Empresa Cinematográfica Haway. Os convites foram distribuídos gratuitamente, tendo sido na oportunidade sorteados discos e estadias em hotéis praianos. Para o próximo dia 10 de dezembro está programada uma exposição de 28 das 53 obras pertencentes à coleção particular da APM, de artistas famosos, como Bonadei, Di Cavalcanti, Lazar Segall, Anita Malfatti, Portinari, entre outros. Os trabalhos serão expostos de 10 a 14 de dezembro, na Galeria de Arte do Sesi, que fica na avenida Paulista 1.313, no edifício da Fiesp (mais detalhes na página 3 desta edição).

Carlos Alberto Salvatore
diretor cultural

Discurso de inauguração da sede

* Prof. Rubião Meira

Sobremodo honrada, nesta festa de hoje, se acha a Associação Paulista de Medicina, por receber a visita do ilustre interventor de São Paulo e seus dignos secretários de governo. Sua Excelência entra em contacto com uma grande classe, na qual já rebriha um seu dileto filho, co-participante da direcção desta sociedade. Já a conhece, já lhe não nega o seu aplauso, mas, nós, os médicos, é que vimos trazer-lhe hoje, com a solenidade que a data festiva nos impõe, o nosso preito de admiração ao seu sentimento de paulista, que deseja grande a sua terra.

Magistrado impoluto, caráter admirável, inteligência lúcida, coração magnânimo, independência de ação, sua Excelência há de compreender que não vão nestas palavras insinuações de lisonja, mas que eu lhe falo a linguagem da sinceridade de todos que amam este solo.

Continue sua Excelência sua tarefa benfazeja, mantenha-se na altura a que o elevou o consenso unânime de São Paulo, que o porvir há de abençoar seu nome como o de um benemérito.

São estas, sr. dr. Laudo de Camargo, as expressões que me cabe dizer-vos quando, honrando-nos, Vossa Excelência veio dar-nos o seu apoio e comungar conosco no dia da realização de nossos caros ideais.

Se ainda estivéssemos naqueles tempos novelcosos, em que as fadas desciam sobre a terra e com sua varinha de condão faziam surgir aqui e ali palácios suntuosos, lá e acolá paisagens maravilhosas, dando à existência os toques do encanto eterno das fantasias perpétuas, transformando o espírito humano, com as mirabolantes façanhas de seu engenho, diríamos, sem dúvida, que hoje assistimos aqui a uma dessas formosas encenações, a uma dessas aparições sobrenaturais.

Pois, senhores, tudo que aqui está, na apresentação encantadora das tapeçarias deslumbrantes, dos móveis de finura artística, e das luzes cintilantes, que maravilham, surgiu repentinamente como se fosse tocado, em sua exibição, pelas varas de um mágico, obreiro de feitiçarias. Tudo aqui, vêde, espanta pela formosura e pela arte, tudo aqui pelo estilo novíssimo, tudo nos faz viver, por esse conjunto de be-

za, numa atmosfera à parte das durezas da vida comum, como se num sonho estivéssemos mergulhados no mundo da fantasmagoria, tudo nos dá, ao ânimo trabalhado pelas lutas da existência, o conforto, a sensação de alegria à alma, a paz ao espírito, respirando os eflúvios deste centro que exala o perfume do poderio do homem.

Mas, senhores, o tempo dos milagres já está longe e se perde na obscuridade irreconhecível das coisas que passaram e que não voltam mais. A realidade é a obra do nosso momento, o selo da atualidade, a marca de fábrica do século, deste século tumultuoso e fecundo, atoador e delirante, destruidor e ameaçador das conquistas da civilização, deste século que há de marcar, na história da humanidade, o fim da estabilidade universal e o início da desagregação social. Estais, portanto, não diante de maravilha que atordoa e obnumbra o conhecimento exato das coisas, mas diante da conquista da vontade humana, do poder decisivo e forte da energia criadora. Levantou-se esta agremiação, que surgiu abruptamente e inopinadamente senhoureou o espírito de um punhado de idealistas, que se congregaram, se uniram a outros e a mais outros e corporificaram sua idéia, no levantamento da Associação Paulista de Medicina, que hoje inaugura sua sede, com a orquestração harmônica da grande conquista e do júbilo da realização de seu nobre objetivo.

Estais em um centro de trabalho e de paz e de comodidade moral. O médico tem sido entre nós o mais abandonado possível. Ente superior, com missão quase divina, não tem encontrado senão o fraco apoio dos que necessitam de sua atividade, dos que procuram seu saber. Terminada a sua missão, raros lhe ficam amigos, muito poucos reconhecem o valor de sua ciência, retribuem sua dedicação entranhada. É obrigado, pela natureza de seu ministério, que se envolve nas tónicas do martírio permanente, a manter-se como que fora do convívio social. E, no entanto, ele deve ser e é o primeiro na sociedade. Todos dele dependem e ele de ninguém precisa. Socorre, acaricia, cura, assiste aos trespasses, levanta os espíritos combalidos, amortece as dores, afaga as crianças, curva-se diante daquelas a quem faltou o sorriso da felicidade, abraça o miserável e aperta em seus braços o argenteiro, mas



O prof. Rubião Meira

para também sempre em atmosfera superior, porque dele é que desce a bem-aventurança do renascimento de vidas, e é ele quem acende a lâmpada da esperança, com as blandícias de seu verbo iluminado por

Deus. Talvez seja por isso que constitui o médico um ente à parte, nem homem, porque sua figura moral se destaca dos demais sobre a terra, aureolado pelo fulgor de sua missão divina, nem santo, porque humano, tem os defeitos inerentes à essência da vida e claudica no erro flagelador das consciências alevantadas e marcadas pelo fulgor da santificação.

Mas, senhores, desçamos, na contemplação da envergadura desse profissional, à visão da realidade e não embacemos a vista com as roupagens que deturpam o reconhecimento dos fatos. Homem ou semideus, pecador ou sábio, deve-se ver no médico o tipo digno da vida comum; a alternância do trabalho e do repouso, da vigília e do descanso, a substituição das sistoles de operosidade pelas diástoles do sossego.

Não se lhe pode exigir somente a constância da labuta. Tem que encontrar horas que seu espírito se livre dos pesadelos, das agonias, das torturas do sofrimento, em que saia da atmosfera banhada pelas emanações das lágrimas, em que possa ouvir ao invés dos soluços da aflição, os cânticos da arte, em que possa desviar seus olhos dos quadros horríveis e torturantes da miséria humana, para os panoramas que a natureza patenteia nas suas manifestações grandiosas. Exigir-se ficar o médico

preso entre os ferros da disciplina, amarrado ao seu dever, como os condenados se acham soldados à pena da lei, aferrolhado na cadeia de suas obrigações, sem ter cometido senão o crime de sua abnegação, o sacrifício de sua existência, a dádiva de todo seu ser aos entes humanos, é querer exigir demasiado de quem tem, como todos, coração para amar, lábios para sorrir, ouvidos para se embalar nas harmonias da música e olhos para se perderem na visão dos horizontes marchetados pela grandeza da vida: no céu, as estrelas a fulgurem, na terra a humanidade a entoar loas à majestade da criação... Não, senhores, quebrems esses ferros com que se procura manietar a nossa individualidade. Não, senhores. Confundamo-nos com os demais membros da sociedade, e, como todos, vivamos de sua existência nas horas tranquilas em que o nosso dia findou, em que devemos substituir a blusa do operário pela casaca de gentil-homem.

Fizestes bem, por isso, vós que resolvestes levantar as colunas desta Associação, compreender entre os seus destinos a fundação do clube médico, e fizeram bem os que a ergueram na rica e suntuosa instalação com que hoje se inicia. Deixai que passe a crítica, a eterna malevolência que procura jogar por terra tudo que sai do ramerrão das coisas da vida, deixai que sorrisos de ironia encrespem lábios, com o desdém por tudo que é belo e não segue a bitola da vulgaridade, que resolvestes uma das faces mais interessantes da nossa vida profissional. Que se pode dizer, que se não responda? Que se

pode articular que não se justifique? Pode-se afirmar, por exemplo, que há muita distração ao lado da ciência, que há divertimento perto das preocupações científicas. Pobre argumento!

Senhores, o sábio de hoje não é mais o de outrora. Aqueles outros se destacavam pelos laboratórios atropelados de vidros, reativos e bastonetes e corantes por toda parte, livros velhos abertos, em que o pesquisador, com blusa que de branca havia se transformado em panno multicolor, era reconhecido pela barba hirsuta, cabelos engrouinhados, mãos pintadas e pouco alvas, face por lavar, olhos atravancados por lentes grossas, e gestos desordenados. Al estava o sábio no seu paraíso; as descobertas enchiam o mundo, e ele passava deixando boquiabertos os que o viam, atarantados de emoção, embora levassem muitas vezes o lenço ao nariz. Mas esse cientista já fez época. Não pertence mais à nossa era. É uma figura respeitável que passou, como também já se foi a do médico medieval, a sangrar todos, a fazer purgar todo mundo e a emetizar toda gente. Hoje não. Para o trabalho eficaz - o conforto do meio; para a grandeza do sucesso - a influência do ambiente, com ordem, higiene, com luz abundante e recursos indispensáveis às locubrações do espírito.

Andou bem por isto a Associação Paulista de Medicina, cercando a sala dos estudos científicos desta confortável e bela encenação, em que a mente do trabalhador, ao levantar as vistas de seus papéis, se encontra cercado da refulgência dessas luzes, que lembram a eternidade da luta, e do aconchego desta arte toda, que atrai seu espírito para a majestade da criação da beleza humana.

Aqui tudo convida para o desenvolvimento do esforço individual e este formoso ambiente ampara o seu ânimo, ergue-o para as porfias, guia-o para o término de seus trabalhos científicos.

Podeis ficar certos de que a Associação Paulista de Medicina há de desenvolver na íntegra o seu grandioso programa. Uma parte já a corporificou na instalação das suas seções, em que múltiplos e miríficos trabalhos têm aparecido e na inauguração do Clube Médico, que há de marcar época em S. Paulo, pela reunião da classe, pela comunhão de idéias, pela solidariedade de vistas. Esse é o seu maior ideal - essa conglomeração dos espí-

ritos dessa profissão que é a nossa, em prol de sua grandeza, em luta pela sua superioridade, na execução de seus lídimos princípios. Todos aqui somos tocados pelo mesmo e nobre e formoso desejo - o de pugnar pela elevação de nosso ministério, pela conquista de nossos ideais, pelo respeito aos nossos dogmas, pela obediência aos nossos deveres.

Essas são as linhas que marcam o nosso itinerário. Havemos de segui-las com os olhos fitos no horizonte de nossas preocupações, na realização de nossos intuitos. Fazemos todos parte de uma grande cruzada - que é a cruzada majestosa de batalhar pelo engrandecimento do ministério que nos congrega, na santificação de nosso objetivo. Havemos de triunfar, porque temos a força que nos propuliona, que é a energia do ideal realizado.

Senhores, neste momento que o Brasil atravessa, temos que nos unir para vencer, temos que cerrar fileiras, comprimidos uns aos outros, ombro a ombro, braço entre braços, para derrubar os óbices que enfrentam a marcha dos que querem grande a Pátria e o pavilhão da liberdade acobertando o nosso destino. Temos que agir como um homem só, irmanados todos no mesmo sentimento, que é o da majestade de nosso País, que há de sair triunfante da batalha em que está empenhado, pelo reergimento de sua riqueza, pela implantação do regime da lei, pela vitória da democracia. Nós médicos não podemos ficar alheios e temos que entrar na liça, com o fervor de nosso patriotismo e o amor acendrado a nossa terra.

É pela nossa coesão que havemos de erguer a nossa voz, e essa palavra que é a da paz, há de ecoar de norte a sul como a transmissora da vontade dos brasileiros.

Esta casa é o símbolo - o da reunião que faz a força, e essa força há de frutificar pelo exemplo, há de fazer brotar energias nos que titubeiam, há de dar sangue novo à gente que vacila, para que o dia de amanhã - quando o sol da liberdade rebrihar no firmamento nacional - seja o dia em que a medicina, estancando os sofrimentos humanos, entoe os hinos da paz e do progresso.

* O prof. Rubião Meira era o presidente da APM na época.

As diretorias de 1930/90

1930/1
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, Felipe Figliolini; 1.º secretário, Alberto Nupieri; 2.º secretário, José Barbosa Corrêa; 1.º tesoureiro, Potiguar de Medeiros; 2.º tesoureiro, Ernesto Moreira.

1932
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, Felipe Figliolini; 1.º secretário, Alberto Nupieri; 2.º secretário, José Barbosa Corrêa; 1.º tesoureiro, Potiguar de Medeiros; 2.º tesoureiro, Ernesto Moreira.

1933
presidente, João Alves de Lima; vice-presidente, Felício Cintra do Prado; 1.º secretário, Roberto Oliva; 2.º secretário, J. Otávio Nébias; 1.º tesoureiro, Ernesto Moreira; 2.º tesoureiro, Vital Vaz.

1934
presidente, Antonio Candido de Camargo; vice-presidente, João Mendonça Cortez; 1.º secretário, Oscar Monteiro de Barros; 2.º secretário, Francisco Cerruti; 1.º tesoureiro, Bento Lacerda de Oliveira; 2.º tesoureiro, Leonel Orsolini.

1935
presidente, Antonio Candido de Camargo; vice-presidente, José de Almeida Camargo; 1.º secretário, Bento Theobaldo Ferraz; 2.º secretário, Adherbal Tolosa; 1.º tesoureiro, Oswaldo Alves de Godoy; 2.º tesoureiro, Raphael Parisi.

1936
presidente, Enjolas Vampré; vice-presidente, Jairo Ramos; 1.º secretário, José Eugenio de Paula Assis; 2.º secretário, Darcy Vilella Itiberê; 1.º tesoureiro, Cássio Martins Vilaça; 2.º tesoureiro, J. Augusto Gomes de Mattos.

1937
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, José Medina; 1.º secretário, Augusto Gomes de Matos; 2.º secretário, Pedro Monteleone; 3.º secretário, E. Aguiar Whitaker; 1.º tesoureiro, J.M. Camargo; 2.º tesoureiro, Mário Silveira Garcia.

1938
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, José Medina; 1.º secretário, A. Gomes de Matos; 2.º secretário, Pedro Monteleone; 3.º secretário, E. Aguiar Whitaker; 1.º tesoureiro, J.M. Camargo; 2.º tesoureiro, Mário Silveira Garcia.

1939
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, José Medina; 1.º secretário, A. Gomes de Matos; 2.º secretário, E. Aguiar Whitaker; 3.º secretário, Pedro Monteleone; 1.º tesoureiro, José M. de Camargo; 2.º tesoureiro, Mário Garcia.

1940
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, José Medina; 1.º secretário, A. Gomes de Matos; 2.º secretário, E. Aguiar Whitaker;

3.º secretário, Pedro Monteleone; 1.º tesoureiro, José M. de Camargo; 2.º tesoureiro, Mário Garcia.

1941
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, Felício C. do Prado; 1.º secretário, Honório Dias Soares; 2.º secretário, Vital Vaz; 3.º secretário, João de Lourenço; 1.º tesoureiro, Cyro de Rezende; 2.º tesoureiro, Claudio Ermínio.

1942
presidente, Rubião Meira; vice-presidente, F. Cintra do Prado; 1.º secretário, Honório Dias Soares; 2.º secretário, Vital Vaz; 3.º secretário, João de Lourenço; 1.º tesoureiro, Cyro de Rezende; 2.º tesoureiro, Claudio Ermínio.

1943/44
presidente, Oscar Monteiro de Barros; vice-presidente, Cássio M. Vilaça; 1.º secretário, Sylla O. Mattos; 2.º secretário, Rafael de Lima Filho; 3.º secretário, Ernesto Mendes; 1.º tesoureiro, Silvio Lemos do Amaral; 2.º tesoureiro, Paulo Rath de Souza.

1945/6
presidente, Jairo Ramos; vice-presidente, Darcy Vilella Itiberê; 1.º secretário, Ariovaldo de Carvalho; 2.º secretário, Jacob Renato Woisky; 3.º secretário, Hélio Lourenço de Oliveira; 1.º tesoureiro, Silvio Lemos do Amaral; 2.º tesoureiro, Fernando Alayon.

1947/8
presidente, Jairo Ramos; vice-presidente,

Paulino Longo; 1.º secretário, Sylvio L. do Amaral; 2.º secretário, Osvaldo César Berenguer; 3.º secretário, Ari Siqueira; 1.º tesoureiro, Oswaldo Lange; 2.º tesoureiro, Raul Braga.

1949/50
presidente, Jairo Ramos; vice-presidente, Paulo Mangabeira Albernaz; secretário-geral, Sylvio L. do Amaral; 1.º secretário, José Rezende Barbosa; 2.º secretário, Dario Carvalho Franco; 1.º tesoureiro, Oswaldo Lange; 2.º tesoureiro, Raul de Almeida Braga.

1951/52
presidente, Jairo Ramos; vice-presidente, Lineu Mattos Silveira; secretário-geral, Carlos de Campos Pagliuchi; 1.º secretário, Ignacio Loyola Alves Corrêa; 2.º secretário, Dario Carvalho Franco; 1.º tesoureiro, Oswaldo Lange; 2.º tesoureiro, Humberto Cerruti.

1953/54
presidente, Benedicto Montenegro; vice-presidente, Herbert Harisson Mercer; secretário-geral, Oswaldo Lange; 1.º secretário, Carlos de Oliveira Bastos; 2.º secretário, Nelson Rodrigues Netto; 1.º tesoureiro, Humberto Cerruti; 2.º tesoureiro, Américo Nasser.

1955/56
presidente, Jairo Ramos; vice-presidente, Arthur Domingues Pinto; secretário-geral, Darcy Vilella Itiberê; 1.º secretário, Mario Degni; 2.º secretário, João Alfredo Caetano da Silva

Junior; 1.º tesoureiro, José Salustiano Filho; 2.º tesoureiro, Américo Nasser.

1957/58
presidente, Darcy Vilella Itiberê; vice-presidente, Waldemar Pessoa; secretário-geral, Sebastião A. Prado Sampaio; 1.º secretário, Edison de Oliveira; 2.º secretário, Eça Pires de Mesquita; 1.º tesoureiro, Oscar de Figueiredo Barreto; 2.º tesoureiro, Argos Meirelles.

1959/60
presidente, Mario Degni; vice-presidente, Edgard Ferraz Navarro; secretário-geral, Scharif Kurban; 1.º secretário, José Fernandes Pontes; 2.º secretário, A.C. Moraes Passos; 1.º tesoureiro, Américo Nasser; 2.º tesoureiro, Adamo V. Nuvoletari.

1961/62
presidente, Henrique Mélega; vice-presidente, Edmir Boturão; secretário-geral, Ruy de Souza Pacheco; 1.º secretário, Luiz Edgard Puech Leão; 2.º secretário, Heribaldo Loverso; 1.º tesoureiro, Humberto Cerruti; 2.º tesoureiro, Feliciano Bicudo Neto.

1963/64
presidente, Henrique Mélega; vice-presidente, Ennio Botelho Perrone; secretário-geral, Ruy de Souza Pacheco; 1.º secretário, Luiz Edgard Puech Leão; 2.º secretário, Gil Soares Bairão; 1.º tesoureiro, Humberto Cerruti; 2.º tesoureiro, Afonso Krug Filho.

1965/66
presidente, Edison de

Oliveira; 1.º vice-presidente, Cesar C. Sigaud; 2.º vice-presidente, Alberto Nupieri; 3.º vice-presidente, Manoel S. Gabarra; secretário-geral, Jorge Arida; 1.º secretário, Cassio Ravaglia; 2.º secretário, Domingos Alves Meira; 1.º tesoureiro, Costabile Gallucci; 2.º tesoureiro, Raif Simão.

1967/68
presidente, Ítalo Domingos Le Voci; 1.º vice-presidente, Benedito Abud; 2.º vice-presidente, Aldo Fazzi; 3.º vice-presidente, Oscar Barros de Serra Doria; secretário-geral, Fabio Guimarães Lobo; 1.º secretário, Oswaldo Martins Leal; 2.º secretário, Francisco Lanari do Val; 1.º tesoureiro, Roberto Pasqualin; 2.º tesoureiro, José Mandia Neto.

1969/71
presidente, Ítalo Domingos Le Voci; 1.º vice-presidente, Oswaldo Janólio; 2.º vice-presidente, Joaquim Bueno Netto; 3.º vice-presidente, Erandy Jorge Beretta; secretário-geral, Fabio Guimarães Lobo; 1.º secretário, Jorge Miguel Psillakis; 2.º secretário, Sigmundo José Gomes Amoroso; 1.º tesoureiro, Roberto Pasqualin; 2.º tesoureiro, Mário Maiolino.

1971/73
presidente, Aldo Fazzi; 1.º vice-presidente, Oswaldo Paulino; 2.º vice-presidente, Moacyr Pádua Vilela; 3.º vice-presidente, Gustavo Adolpho de Sou-

As diretorias de 1930/90

za Murgel; secretário-geral, Fábio Guimarães Lobo; 1.º secretário, Dráuzio Viegas; 2.º secretário, Sigismundo José Gomes Amoroso; 1.º tesoureiro, Vinício Paride Conte; 2.º tesoureiro, Jairo Ramos Nogueira.

1973/75

presidente, Henrique Arouche de Toledo; 1.º vice-presidente, Ivan Valle Rollemberg; 2.º vice-presidente, Fábio Guimarães Lobo; 3.º vice-presidente, Carlos Luiz Campana; secretário-geral, Sigismundo José Gomes Amoroso; 1.º secretário, Jairo Ramos Nogueira; 2.º secretário, Flavio Antonio de Sica; 1.º tesoureiro, Antonio de Gouvêa Giudice; 2.º tesoureiro, Nalmir Moreira; diretor científico, Drauzio Viegas; diretor social, Luiz Kulay Jr.

1975/77

presidente, Henrique Arouche de Toledo; 1.º vice-presidente, Rui Ferreira Pires; 2.º vice-presidente, Joaquim Mendes Santi; 3.º vice-presidente, Manuel Valente de Almeida e Silva; secretário-geral, Sigismundo José Gomes Amoroso; 1.º secretário, Erasmo Magalhães C. de Tolosa; 2.º secretário, Marcelo de Almeida Toledo; 1.º tesoureiro, Antonio de Gouvêa Giudice; 2.º tesoureiro, Arnaldo Napoleone Gesuele; diretor científico, Luiz Kulay Júnior; diretor social, Duílio Crispim Farina.

1977/79

presidente, Aloysio Geraldo Ferreira de

Camargo; 1.º vice-presidente, Legardeth Consolmagnó; 2.º vice-presidente, Luiz Kulay Júnior; 3.º vice-presidente, Pedro Teruel Romero; secretário-geral, Sigismundo José Gomes Amoroso; diretor de patrimônio, Joaquim Mendes Santi; diretor científico, Paulo Schmidt Goffi; diretor cultural, Duílio Crispim Farina; diretor social, Geraldo Pinto de Almeida; diretor do clube de campo, Thyron Loureiro de Almeida; diretor de serviços gerais, Marcelo Almeida Toledo; diretor de mutualismo, Assaf Hadba; diretor de previdência, Ivan Valle Rollemberg; diretor de defesa profissional, Guglielmo Francesco Mistrorigo.

1979/81

presidente, Aloysio Geraldo Ferreira de Camargo; 1.º vice-presidente, Eugesse Cremonesi; 2.º vice-presidente, José Carlos do Rego; 3.º vice-presidente, João Antonio Voza; 4.º vice-presidente, José Maria Morgade de Miranda; 5.º vice-presidente, Ivan Valle Rollemberg; 6.º vice-presidente, Basílio Cassar; 7.º vice-presidente, Rubens Savastano; 8.º vice-presidente, Clóvis de Arrouxellas Galvão Carapeba; 9.º vice-presidente, Assaf Hadba; 10.º vice-presidente, Pedro Teruel Romero; 11.º vice-presidente, José Pinheiro de Abreu; secretário-geral, Sigismundo José Gomes Amoroso; 1.º secretário, Nilva Landi; 1.º diretor de patri-

mônio e finanças, Joaquim Mendes Santi; 2.º diretor de patrimônio e finanças, Jacob Roseblit; diretor científico, Flávio Adolfo Costa Vaz; diretor cultural, Duílio Crispim Farina; diretor social, Heber Maia de Mattos; diretor de serviços gerais, Rui Telles Pereira; diretor de mutualismo, Luiz Tshua; diretor de previdência; Legardeth Consolmagnó; diretor de defesa profissional, Nelson Guimarães Proença.

1981/83

presidente, Nelson Guimarães Proença; 1.º vice-presidente, Ernandi Octávio Cavalcanti de Faria; 2.º vice-presidente, George Bittar; 3.º vice-presidente, Rubens Savastano; 4.º vice-presidente, Rodolfo Pinto Machado; 5.º vice-presidente, Roberto Schmidt Neto; 6.º vice-presidente, Cláudio de Jesus Curti; 7.º vice-presidente, Mauro Farto Fernandes; 8.º vice-presidente, Ivan Valle Rollemberg; 9.º vice-presidente, José Pinheiro de Abreu; 10.º vice-presidente, Antonio Fernandes Ferrari; 11.º vice-presidente, Nathanael Ribeiro de Melo; secretário-geral, Durval Rosa Borges; 1.º secretário, Nilva Landi; 1.º diretor de patrimônio e finanças, Luiz Carlos Morrone; 2.º diretor de patrimônio e finanças, Jacob Roseblit; diretor científico, Marcus Wolosker; diretor cultural, Duílio Crispim Farina; diretor social, Heber Maia de Mattos; diretor servi-

ços gerais, Rui Telles Pereira; diretor mutualismo, Legardeth Consolmagnó; diretor de previdência, Assaf Hadba; diretor de defesa profissional, Osvaldo Giannotti Filho.

1983/85

presidente, Osvaldo Giannotti Filho; 1.º vice-presidente, Wilson Luiz Sanvito; 2.º vice-presidente, Roberto Schmidt Neto; 3.º vice-presidente, Luiz Fernando Chierighini Bueno; secretário-geral, Moacyr Roberto Cucé Nobre; diretor administrativo, Nabil Ghorayeb; 1.º diretor de patrimônio e finanças, Luiz Carlos Morrone; 2.º diretor de patrimônio e finanças, Mário Mourão Netto; diretor científico, Durval Rosa Borges; diretor cultural, Salomão Goldman; diretor de defesa profissional, Aurélio Formicola; diretora de comunicações, Nilva Landi; diretor de previdência e mutualismo, Legardeth Consolmagnó; diretor de reciclagem médica, José Marcos de Andrade Mélega; diretor de serviços gerais, Maria Ester Quartim C. Fonseca; diretor social, José Eduardo Cury.

1985/87

presidente, Osvaldo Giannotti Filho; 1.º vice-presidente, Aurélio Formicola; 2.º vice-presidente, Mário da Costa Cardoso Filho; 3.º vice-presidente, Sinal Sinter Bravin Banhos; secretário-geral, Luís Carlos Arcon; diretor administrativo, Nabil Ghorayeb; 1.º diretor de pa-

trimônio e finanças, Roberto Godoy; 2.º diretor de patrimônio e finanças, Luiz Carlos Silveira Monteiro; diretor científico, Durval Rosa Borges; diretor cultural, Ernandi Octávio Cavalcanti de Faria; diretor de defesa profissional, Salomão Goldman; diretora de comunicações, Nilva Landi; diretor de previdência e mutualismo, Legardeth Consolmagnó; diretor de reciclagem médica, Fausto João Forim Alonso; diretor de serviços gerais, Maria Ester Quartim Cunha Fonseca; diretor social, José Eduardo Cury.

1987/89

presidente, Nelson Guimarães Proença; 1.º vice-presidente, Osvaldo Akamine; 2.º vice-presidente, Honório Chiminazzo Júnior; 3.º vice-presidente, Luiz Fernando Chierighini Bueno; secretário-geral, Roberto Simão Mathias; diretor administrativo, Paulo Augusto Ayroza Galvão; 1.º diretor de patrimônio e finanças, Rui Telles Pereira; 2.º diretor de patrimônio e finanças, Sebastião Conrado de A. Souza; diretor científico, Nelson Morrone; diretor cultural, Carlos Alberto Salvatore; diretor de

defesa profissional, Celso Carlos de Campos Guerra; diretora de comunicações, Maria Luiza Rodrigues Andrade Machado; diretor de previdência e mutualismo, Antonio Alberto de Felício; diretor de serviços gerais, Luiz Cordovani Filho; diretor social, Heber Maia de Mattos.

1989/91

presidente, Celso Carlos de Campos Guerra; 1.º vice-presidente, Honório Chiminazzo Júnior; 2.º vice-presidente, Paulo César Villani; 3.º vice-presidente, Luiz Salomão; secretário-geral, Paulo Roberto Grimaldi Oliveira; diretor administrativo, Renato Bertolucci; 1.º diretor de patrimônio e finanças, Rui Telles Pereira; 2.º diretor de patrimônio e finanças, José Roberto de Souza Baratella; diretor científico, José Knoplich; diretor cultural, Carlos Alberto Salvatore; diretor de defesa profissional, Juarez Moraes Avelar; diretora de comunicações, Maria Luiza Rodrigues Andrade Machado; diretor de previdência e mutualismo, Antonio Alberto de Felício; diretor de serviços gerais, Luiz Cordovani Filho; diretor social, José Ricardo Savioli.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } Tertúlia
Carlos Kleber Canova }

Cássio Ravaglia - Divulgação }
Guido Arturo Palomba - Biblioteca }
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca }

Nelson Pedral Sampaio } Pinacoteca
Wanda Gonda }